

COLEÇÃO
PERSONAGENS DO PÓS-ABOLIÇÃO
[MEMÓRIAS BRASILEIRAS - BIOGRAFIAS]



GIOVANA XAVIER

MARIA DE LOURDES VALE NASCIMENTO

UMA INTELLECTUAL NEGRA
DO PÓS-ABOLIÇÃO

...nos cortiços Cate...
quei...
E HOJE, O "CONSELHO
DAS MULHERES NEGRAS"
1950



...mulheres
CRIANÇAS
MARTA NASCIMENTO



Universidade Federal Fluminense

REITOR

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

VICE-REITOR

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

Eduff – Editora da Universidade Federal Fluminense

GESTÃO 2018-2020

CONSELHO EDITORIAL

Renato Franco [Diretor]

Ana Paula Mendes de Miranda

Celso José da Costa

Gladys Viviana Gelado

Johannes Kretschmer

Leonardo Marques

Luciano Dias Losekann

Luiz Mors Cabral

Marco Antônio Roxo da Silva

Marco Moriconi

Marco Otávio Bezerra

Ronaldo Gismondi

Silvia Patuzzi

Vágner Camilo Alves

**MARIA DE LOURDES
VALE NASCIMENTO**

Copyright © 2020 Giovana Xavier

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da editora.

Editor responsável: Renato Franco

Coordenador de produção: Ricardo Borges

Copidesque e revisão: Beatriz Maia

Normalização: Camilla Almeida

Capa: Marcio Oliveira

Projeto gráfico e diagramação: Marcio Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - CIP

X3 Xavier, Giovana.

Maria de Lourdes Vale Nascimento : uma intelectual negra do pós-Abolição [livro eletrônico] / Giovana Xavier. – Niterói : Eduff, 2020. – 5,8Mb ; PDF. – (Coleção Personagens do pós-abolição: trajetórias, e sentidos de liberdade no Brasil republicano, v. 5)

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5831-012-9

BISAC BIO002010 BIOGRAPHY & AUTOBIOGRAPHY / Cultural, Ethnic & Regional / African American & Black

1. Brasil – Pós-abolição. 2. Cultura afro-brasileira. 3. Nascimento, Maria de Lourdes Vale, 1924-1994. 4. Biografia. I. Título. II. Série.

CDD 928.69

Ficha catalográfica elaborada por Márcia Cristina dos Santos (CRB7-4700)

Direitos desta edição reservados à

Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

Rua Miguel de Frias, 9, anexo/sobreloja - Icaraí - Niterói - RJ

CEP 24220-008 - Brasil

Tel.: +55 21 2629-5287

www.eduff.uff.br - faleconosco@eduff.uff.br

Impresso no Brasil, 2020.

Foi feito o depósito legal.

COLEÇÃO
PERSONAGENS DO PÓS-ABOLIÇÃO

MEMÓRIAS BRASILEIRAS - BIOGRAFIAS

GIOVANA XAVIER

MARIA DE LOURDES
VALE NASCIMENTO

UMA INTELLECTUAL NEGRA
DO PÓS-ABOLIÇÃO



SUMÁRIO

A COLEÇÃO PERSONAGENS DO PÓS-ABOLIÇÃO | 9

DESTINATÁRIA: MARIA DE LOURDES VALE NASCIMENTO | 11

INTRODUÇÃO | 15

A PRIMEIRA PESSOA DE MARIA: CAPÍTULOS-DESAFIOS | 23

LOURDINHA: A “GRAFIA-DESENHO” DE UMA INTELLECTUAL NEGRA
DO PÓS-ABOLIÇÃO | 31

O ATIVISMO INTELLECTUAL DE MARIA DE LOURDES
VALE NASCIMENTO | 49

A SINGULARIDADE DE MARIA: EPISTEMOLOGIA FEMINISTA NEGRA
E A ESCRITA DE NOVAS HISTÓRIAS | 67

BIÓGRAFA E BIOGRAFADA:
ESCREVENDO PASSADOS-PRESENTES | 73

LISTA DE FIGURAS | 79

FONTES | 81

CRONOLOGIA DE MARIA DE LOURDES VALE NASCIMENTO | 85

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 87

A COLEÇÃO PERSONAGENS DO PÓS-ABOLIÇÃO

Este livro faz parte de uma coleção, sendo fruto de um projeto coletivo: “Personagens do pós-Abolição: trajetórias, e sentidos de liberdade no Brasil republicano”, contemplado com o Edital n° 13/2015 da CAPES - “Memórias Brasileiras: Biografias”. Os sete volumes da coleção são acompanhados por um site que disponibiliza diversos materiais - oficinas, vídeos, planos de aula, banco de imagem, em torno de personagens negros biografados (<http://personagensdoposabolicao.uff.br/>).

Apesar de grandes contribuições para a história republicana do Brasil, esses personagens tiveram suas vidas silenciadas, esquecidas ou não reconhecidas. Foram homens e mulheres marcados pela condição racial e de gênero que levantaram bandeiras antirracistas e atuaram na transformação das possibilidades de exercício da cidadania da população negra no Brasil.

As biografias publicadas também trazem uma contribuição importante para o público em geral, para futuros professores e para os alunos da Educação Básica, pois nos permitem conhecer melhor a História do pós-abolição e do racismo no Brasil e, em volume especial, entrar em contato com novas formas de ensinar e aprender histórias do Brasil republicano. Eis os livros da coleção:

*Monteiro Lopes e Eduardo das Neves:
histórias não contadas da Primeira República* (v. 1)

Carolina Viana Dantas e Martha Abreu

*Luciana Lealdina de Araújo e Maria Helena Vargas da Silveira:
história de mulheres negras no pós-abolição do sul do Brasil* (v. 2)

Fernanda Oliveira

*Juliano Moreira:
o médico negro na fundação da psiquiatria brasileira* (v. 3)

Ynaê Lopes dos Santos

Paulo Silva: um contraponto nas relações raciais no Brasil (v. 4)

Amilcar Araújo Pereira

*Maria de Lourdes Vale Nascimento:
uma intelectual negra do pós-abolição* (v. 5)

Giovana Xavier

João Cândido: o mestre sala dos mares (v. 6)

Álvaro Pereira do Nascimento

“A gente só sabe o final quando encerra”: novas formas de ensinar e aprender histórias do Brasil republicano (v. 7)

Giovana Xavier (org.)

DESTINATÁRIA:
MARIA DE LOURDES VALE NASCIMENTO

Querida Maria de Lourdes Vale Nascimento;

Teu nome é longo. Eu sei. Mas sempre que penso em abreviá-lo mudo de ideia, pois poucas são as pessoas que realmente te conhecem. Assistente social, jornalista, ativista dos movimentos sociais negros, professora... Vivendo na pele tantos papéis, qual é o sentimento de ter realizado feitos incríveis e raríssimas vezes ser lembrada? Guardas dor? Possui feridas? Quando ficas triste, o que faz para se reanimar e seguir? Pergunto-te tudo isso porque eu mesma, que me arvorei na tarefa de me tornar tua biógrafa, sei muito pouco acerca de ti. Como historiadora, tenho tantas perguntas para fazer-te: qual o dia do teu aniversário? Estás viva? Como foi sua infância em Franca? Onde estudou? Como veio parar no Rio de Janeiro? Toda vez que leio seus textos me emociono.

Uau! Uma mulher negra colunista de um jornal: um verdadeiro lacre nos anos 1940!!! Sabes que além de professora universitária também sou colunista de um jornal? Costumo dizer que a vida é cheia de encruzilhadas. E que bonito que nossos caminhos se encontraram. Como leitora da sua coluna - Fala a Mulher, aprendo contigo mais sobre mim e as que me antecederam. Você gostava de nos chamar de “patrícias de cor”. Não é verdade? Saber disso me fortalece porque mostra o respeito que você tem por Nós. Ensina-me também acerca da sua dedicação à militância para sermos reconhecidas como cidadãs brasileiras e não somente como “negras-objetos”. Em 2015, o trabalho doméstico foi regulamentado no Brasil.

Embora deixando a desejar em muitos aspectos, a legislação avançou no sentido de reconhecer as profissionais desta categoria como sujeitas de direitos básicos como férias, remuneração e décimo terceiro. Menina, consegue acreditar que tem gente que foi para janela bater panela contra esta lei, que ficou conhecida como PEC das Domésticas? Sinceramente... Esses panelaços ocorreram durante o tempo em que uma mulher foi Presidenta do Brasil. Ela se chama Dilma Rousseff e foi eleita legitimamente por milhões de brasileiros, entre eles, nossas patrícias de cor. Mas para o Brasil do “Prefere-se Brancas”, foi demais ver a base da pirâmide se mexendo. Minha querida

patrícia de cor (posso te chamar assim?), acho que por ora é isso. Assim que tiver mais notícias, entro em contato novamente.

Ah! Vi uma foto sua “divando”¹ na escadaria do Teatro Municipal do Rio de Janeiro com um tomara que caia de seda roxo e uma echarpe que não me recordo a cor. Maria, “que tiro foi esse?”²

Da amiga e admiradora, Giovana Xavier.

Rio de Janeiro, 30 de outubro de 2017.

1 “*Divar*”, gíria carioca. Refere-se a mulheres consideradas incomparáveis e que despertam a atenção de muitas pessoas. Equivalente a brilhar, impressionar ou, de acordo com outra gíria “lacrar”. No contexto deste trabalho, minha intenção é visibilizar o brilho de Maria por meio da linguagem de afirmação das classes trabalhadoras.

2 “Que tiro foi esse?” é o título de uma das composições da cantora Jojo Maronttinni. Com o sucesso da música, que foi lançada em 2017, a expressão popularizou-se e é empregada como sinônimo de arrasar, abafar, impressionar.



Figura 1 - Carta de Giovana Xavier a Maria de Lourdes Vale Nascimento (outubro de 2017)

INTRODUÇÃO

PROFESSORA NA PRIMEIRA PESSOA: INTERSECÇÕES
ENTRE ARQUIVO, SALA DE AULA E FAZER
HISTORIOGRÁFICO

Pensei em muitas formas de iniciar esta obra. Um livro que representa começos e fins. Começo porque Maria de Lourdes Vale Nascimento: uma intelectual negra do pós-Abolição é minha estreia como biógrafa. Há duas décadas, pesquisando a história de mulheres negras na escravidão e no pós-Abolição, chegou a oportunidade de sistematizar, no produto livro, uma introdução do que tenho pensado e produzido sobre epistemologia feminista negra. A reconstituição do trajeto de Maria congrega biografia e o eixo de um livre pensar. Fim (de uma etapa) porque consigo fechar uma das muitas janelas abertas no trabalho hard de cortes e rupturas em relação à ciência hegemônica, pretensamente neutra. É bom sentir o frio na barriga ocasionado pelo avanço das reflexões sobre o conceito de “intelectual negra”.

Em linhas gerais, intelectual negra, tratada aqui como episteme, pode ser definida como o conjunto de saberes, práticas e processos de produção de conhecimento, agenciados por mulheres negras por meio de ferramentas científicas produzidas por si próprias. Na linha de Beatriz Nascimento, posso dizer que “considero-me parte da matéria estudada”. Maria e este livro são parte da minha matéria.

Além da historiadora sergipana, inspiram estas reflexões iniciais os debates propostos por Ana Luisa Janeira acerca das diferenças entre corte, ruptura e recursos utilizados pela ciência para conferir aos fatos caráter científico. E também as discussões dos Estudos Feministas sobre ciência sucessora, localização de saberes e visibilização de conhecimentos obscuros, conforme os produzidos por mulheres como Maria e muitas outras. Esse trajeto é movimento. Baseado na articulação entre teoria e prática. No poder de sonhar e projetar por meio da escrita. Ele se liga à minha formação de historiadora social e, posteriormente, à construção da carreira como pesquisadora ativista, intelectual pública e liderança acadêmica. E ao importante ato de “mover-se além da dor”.¹

A intersecção destes três lugares colocou-me para, de formas distintas, pensar sobre as barreiras impostas à consolida-

1 hooks, b. Mover-se além da dor. *Portal Geledés*: instituto da mulher negra. 12 mai. 2016.

ção de mecanismos de validação do conhecimento de mulheres das classes trabalhadoras. Diante da constatação do problema, tenho me dedicado a produzir soluções. Entre elas, o desenvolvimento de metodologias baseadas na valorização das expressões individuais de mulheres negras por meio da narrativa na primeira pessoa. De documentos produzidos em sala de aula e subestimados como fontes históricas. A interlocução com autoras dos feminismos negros, decoloniais e interseccionais.

Esse “mover-se além da dor” deu o tom de minha participação no projeto *Personagens do Pós-Abolição* e, por consequência, na relação travada com Maria e o presente livro. Muito difícil de ser escrito. Menos por falta de conhecimento, pesquisa e talento do que pelo desafio de sistematizar saberes velhos com base em novas direções historiográficas, localizadas nas experiências de ser mulher negra no Brasil. Nesse contexto de cortes, rupturas e inovações científicas, reflito sobre meu percurso dentro do referido projeto. E em que medida tal participação contribui para o resultado final deste livro.

Em cumprimento às determinações da Lei nº 10.639/03, quando pensamos tanto no projeto quanto especificamente na coleção da qual esta obra faz parte, elegemos como prioridade narrar trajetórias de pessoas negras silenciadas e que foram importantes para história do Brasil República. Para os

livros, definimos que faríamos textos com uma linguagem acessível à educação básica e a um público mais amplo que o acadêmico. Juntos, por um triênio, trabalhamos para que a liberdade de cada pesquisadora na escolha dos métodos, conceitos e formas de narrar prevalecesse. Compartilhávamos de um objetivo. Articular história acadêmica e escolar com vistas à produção de novos paradigmas para ensinar e pesquisar o pós-Abolição e seus sujeitos nas salas de aula do Brasil.

Este é um aspecto importante porque vincula a área do ensino de História ao campo historiográfico do pós-Abolição, pensado aqui como tema, conceito e temporalidade. Na linha do que sugerem Frederick Cooper, Rebecca Scott e Thomas Holt.² Tal aspecto também vincula a este livro as discussões sobre o “problema da liberdade”, debatido minuciosamente por Holt em seu intento de analisar as experiências negras no mundo livre.³

Com estas proposições individuais somadas ao trabalho coletivo, realizamos reuniões da equipe para definir diretrizes metodológicas, eixos de atuação, referências bibliográficas, processos de orientação de bolsistas e também de orientandos de graduação e da pós. Tais encontros desdobraram-se em ações variadas.

2 COOPER, F.; HOLT, T.; SCOTT, R. *Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

3 HOLT, T. *The problem of freedom: race, labor, and politics in Jamaica and Britain, 1832-1938*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1992.

Em termos coletivos, o I Seminário Personagens do Pós-Abolição, ocorrido em 2017, na Fundação Getúlio Vargas, e as reuniões do Grupo de Estudos e Pesquisas Cultura Negra no Atlântico, coordenado pela Prof^{fa} Dr^a Martha Abreu, na UFF, foram marcantes. Ambos se constituíram em espaços de aprendizados intensos sobre narrativa biográfica, intelectualidade negra e ensino de História do pós-Abolição.

Já entre as que ficaram especificamente sob minha gestão e que, de formas distintas, também se constituíram em grandes fontes de aprendizado, destaco: as oficinas pedagógicas Intelectuais Negr@s do Pós-Abolição, entre 2018 e 2019 na Escola Municipal Jornalista e Escritor Daniel Piza, no bairro de Costa Barros (Complexo de Favelas do Chapadão), zona Norte do Rio de Janeiro. Duas edições do Curso de Formação Ensino de História do Pós-Abolição, ministrados para o grupo de bolsistas do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. A organização do website Personagens do Pós-Abolição. A produção do documentário Intelectuais Negr@s: novas formas de ensinar e aprender histórias do pós-Abolição. E, por fim, o livro Intelectuais Negr@s e o ensino de história do pós-abolição: a experiência do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ na Escola Municipal

Jornalista e Escritor Daniel Piza, derivado da participação do PET neste projeto.

Com tamanha movimentação, marcada por sobrecargas de responsabilidade, de trabalho, e expectativas, formas distintas de definir e se relacionar com o conhecimento científico, rapidamente, começaram a surgir. A riqueza deste cenário marcado por potências e limites evidencia os sentidos múltiplos que a palavra “acadêmico” assume em diferentes contextos.

Entre aproximações e distanciamentos epistemológicos, é seguro afirmar que o objetivo compartilhado foi alcançado. Inovamos ao transcender a ideia de pesquisa restrita à relação entre historiadores, arquivos e maços de documentos do passado. Abrindo novas direções, *Personagens do Pós-Abolição* consolidou-se como um projeto calcado na escrita de novas histórias, o que inclui falar e produzir abertamente a partir de quem somos e daquilo que acreditamos.

Quando penso em minha experiência individual, torna-se inevitável escrever sobre algo do qual conversamos pouco: o trabalho docente em sala de aula. Como professora de Didática Especial e Prática de Ensino de História na UFRJ, nesta cátedra, desde 2013, tenho desenvolvido o aporte da “história transgressora”. Metodologia de ensino e pesquisa construída nas interseções entre historiografia acadêmica, escolar e estudos feminis-

tas e que objetiva investigar os conhecimentos produzidos por mulheres negras. E seu potencial para estimular novas formas de ensinar e aprender História em escolas e universidades.

Os debates em sala de aula, estágios supervisionados, processos de orientação e elaboração das aulas de regência encontram-se marcados por um duplo movimento que insere-se no fazer desta obra. Primeiro: de uma professora interessada no protagonismo de mulheres negras e na produção de ferramentas científicas que confrim visibilidade à trajetória de nomes apagados dos currículos da história oficial. Além da própria Maria, Beatriz Nascimento, Carolina Maria de Jesus, Stela do Patrocínio. Segundo: de uma historiadora engajada em posicionar essas e outras mulheres - acadêmicas, ativistas, lideranças religiosas, familiares, como intelectuais negras.

O investimento de defini-las como autoras de projetos individuais, coletivos e de modelos interpretativos da história do Brasil, relacionados a temas como educação, trabalho, ativismo, família tornou-se meu principal projeto acadêmico. Assim, este livro também representa um fim relacionado à consolidação do ciclo iniciado em 2014 com a criação do Grupo Intelectuais Negras UFRJ. Espaço no qual produzimos uma ciência de mulheres negras, que forma e inspira novas gerações acadêmicas a valo-

rizarem o papel da educação e do trabalho acadêmico nas suas vidas e nas lutas por democracia, igualdade e justiça.

Em tempos de sucateamento da ciência e da educação pública, encerro minha jornada feliz pela escrita de um (apenas um!) final derivado, de forma significativa, do trabalho em sala de aula. Como afirma bell hooks, “o lugar mais revolucionário da universidade”. Axé Maria!

A PRIMEIRA PESSOA DE MARIA: CAPÍTULOS-DESAFIOS

É o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente torna o domínio intelectual um lugar interdito.¹

Em diálogo com os debates propostos por bell hooks sobre as especificidades da intelectualidade de mulheres negras, minhas motivações para escrita deste livro ligam-se ao autoconhecimento de uma autora “contaminada”² pela condição de mulher negra. Desse lugar, tenho refletido bastante sobre minha relação com Maria Nascimento, que já se estende por 14 anos,

1 hooks, b. Intelectuais negras. *Estudos Feministas/ Dossiê Mulheres Negras*, Rio de Janeiro, IFCS/ UFRJ, v. 3, n. 2, jul./dez. 1995, p. 468.

2 LIMA, J. Conceição Evaristo: minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra. *Nexo Jornal*. 26 mai. 2017. São Paulo, 2017.

como veremos. Entendendo meu texto como um grande ensaio, nele apresento pela primeira vez informações biográficas de Maria. Retalhos que consegui reunir, alinhar e costurar no triênio de 2016 a 2019 duração do nosso projeto.

Com base em levantamentos bibliográficos e leituras, investigações no Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (RJ) e na realização de entrevistas com César Nascimento, primo de segundo grau da escritora, é possível agora apresentar resultados parciais das primeiras investigações sobre a vida da ativista. Retalhos de uma colcha tecida a partir do reconhecimento da habilidade e do talento de Maria para proteger, lutar e visibilizar os interesses das mulheres negras no Brasil ao lado de suas companheiras:

Ao confeccionar suas colchas, as mulheres negras justapõem cores e padrões fortes e veem as diferenças individuais não como algo que valoriza um retalho em detrimento de outro, mas como um aspecto que enriquece toda a colcha.³

Com muita alegria, amor e gratidão a esta mulher, chegou a vez de apresentar os retalhos de minha colcha.

A parte II, “Lourdinha: a ‘grafia-desenho” de uma intelectual negra do pós-abolição”, reúne narrativas oriundas de entrevistas realizadas entre 2018 e 2019 com César Nasci-

3 COLLINS, 2019, p. 420.

mento⁴. Através da história oral passei a acessar um universo desconhecido: o mundo de Lourdinha. Aberto para mim com muito brilho e generosidade por César, que a cada vocalização do apelido familiar de Maria, fazia emergir – de sua memória de menino, adolescente e adulto – acontecimentos alegres e tristes que viveu ou ouviu falar. A emocionante história da misteriosa tia Lourdes, contada “na primeira pessoa” do sobrinho, voltou-me para a importância dos temas família, educação e cuidado. A centralidade que os pais de Maria - Dona Dulcineia e Seu Laureano exerceram na sua vida até que se tornasse uma ativista de referência para a comunidade negra e elite intelectual branca é indiscutível.

Ao acessar, ainda que superficialmente, um projeto familiar assinado por mãe, pai e uma rede de parentes, agregados, amigos, padrinhos, começo a compreender aspectos essenciais na trajetória de minha protagonista e que descobri através de Cesar. O estudo da música, as relações familiares estabelecidas, o casamento. A aposta no seu papel de educadora, o cuidado com as crianças, a migração para o Rio de Janeiro. Cidade escolhida para, ao lado de Abdias do Nascimento, fundar o Teatro Experimental do Negro (1944) e se afirmar como uma intelectual reconhecida dentro da organização como liderança feminina. Este

4 Agradeço à historiadora Evelyn Beatriz Lucena pelo cuidadoso trabalho de transcrição dessas entrevistas.

protagonismo familiar permanece em investigação na pesquisa em andamento, relacionada a analisar os processos de letramento conduzidos por famílias negras no pós-Abolição.

Em “Entre gravetos e livros”, trago informações biográficas breves de Maria, e rascunho ideias acerca do lugar que projetos de ascensão racializados possuem na história de famílias negras do pós-Abolição. Destaco assim a importância de olhar com mais atenção para uma espécie de “racialização afirmativa” praticada entre tais núcleos. Por fim, registro as variadas frentes de atuação de Maria, dando os primeiros passos para reconstituição da genealogia de sua intelectualidade, aprofundando meu interesse em examinar as formas de produção e validação de conhecimento de mulheres negras.⁵

Para isso, inspiro-me em Conceição Evaristo, nas reflexões oriundas de sua “grafia-desenho” e na potência deste conceito, para rastrear as origens e características do pensamento de mulheres negras, visibilizando seus processos de letramento. A ideia é desenhar uma história social do trabalho calcada em abordagem que, em vez de opor e hierarquizar, intersecte processos de produção de conhecimento, localizados nas experiências de gênero, raça e classe de mulheres negras.

5 Para discussões importantes sobre autorização do conhecimento de mulheres negras, v. KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Em “Curiosidade científica”, retomo a importância do papel desempenhado por Elisa Larkin Nascimento como mediadora que tornou possível meu primeiro contato com César Nascimento. Figura central por sua própria história, leitura de mundo e também por ter convivido diretamente com tia Lourdinha, de quem guarda memórias sobre sua inteligência, apreço pela educação e também de características de sua personalidade. Entre elas, cordialidade e reserva. Em um primeiro movimento, discuto contextos que nos convocam a pensar sobre as condições de isolamento e obscuridade às quais submete-se o trabalho intelectual de mulheres negras.

A terceira parte, “O ativismo intelectual de Maria de Lourdes Vale Nascimento”, encontra-se dividida em dois momentos. No primeiro – “Parênteses: Maria e o Censo Demográfico de 1955” –, apresento dados censitários dos anos 1940, tempo em que a jovem realizou os estudos, até concluir seu curso de contabilidade no Ateneu de Franca. Analisadas e processadas em gráfico de pizza, as informações sobre nível de instrução por gênero, raça e faixa etária, ajudam a compreender a importância da posição de intelectual negra e liderança política conquistada por Maria, e também apontam muitas direções para o futuro da pesquisa.

Na sequência, intitulada “Maria visionária: a criação de uma agenda feminina negra”, destaco a originalidade do ati-

vismo intelectual de Maria frente à permanente supressão das ideias políticas de mulheres negras. Através da discussão de propostas inovadoras como a do Conselho Nacional de Mulheres Negras, em 1950, no Teatro Experimental do Negro, identifiquei seu “feminismo visionário”, em diálogo com bell hooks.

Avançando em minhas próprias investigações, até então restritas à sua produção escrita, identifiquei Maria como autora de uma agenda feminina negra centrada na “integração” da “mulher de cor”. O movimento de produzir este reconhecimento tem contribuído para refletir sobre as conexões passado-presente da história por meio das ideias políticas de mulheres negras. Baita desafio inspirado em Pensamento feminista negro, a monumental obra de Patricia Hill Collins.

Na quarta parte – “Biógrafa e biografada: escrevendo passados-presentes” – rememoro a entrada de Maria de Lourdes Vale Nascimento em minha vida e o quanto este encontro impactou minha trajetória, ligada ao compromisso de visibilizar histórias e saberes de mulheres negras. Por mais que as primeiras décadas do século XXI estejam marcadas pelo fortalecimento dos feminismos negros, as imagens hegemônicas sobre estas mulheres permanecem desassociadas da condição intelectual.

No caso de Maria, a produção escrita, à qual se dedicou com tanto afincamento e a atuação no Teatro Experimental do

Negro confirmam seu papel como autora de um projeto de educação, centrado na vida e nos saberes de “patricias de cor”, como, carinhosamente, referia-se às suas leitoras e companheiras de jornada. Em sintonia com a perspectiva de uma “ciência de mulheres negras”, aprofundo as interpretações do trabalho intelectual da ativista, inspirada pelas discussões de Pratibha Parmar sobre as “políticas de identidade” tecidas por mulheres negras.⁶

O livro encerra-se com “A singularidade de Maria: epistemologia feminista negra e a escrita de novas histórias”. Item dedicado a rascunhar ideias em amadurecimento. Entre elas, a naturalização do conceito de “excepcionalidade” para interpretar histórias e trajetórias de intelectuais negras. Aqui são listados os desafios postos na produção de novas histórias do pós-Abolição centradas nas biografias de mulheres negras. Sujeitas, que como Maria, dedicaram suas vidas ao trabalho intelectual com vistas à construção de projetos de emancipação para a população negra no Brasil Republicano.

Vamos nessa! #permitase

6 PARMAR, P. Feminismo negro: la política como articulación. In: JABARDO, M. (org.). *Feminismos negros: una antología*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2012, p. 245-267.

LOURDINHA: A “GRAFIA-DESENHO” DE UMA INTELLECTUAL NEGRA DO PÓS- ABOLIÇÃO

*No sul, na época do apartheid as meninas negras da
classe trabalhadora tinham três opções de carreira.
Podíamos casar, podíamos trabalhar como empregadas e
podíamos nos tornar professoras da escola.
E visto que, de acordo com o pensamento sexista da
época, os homens na verdade não gostavam de mulheres
'inteligentes', partia-se do pressuposto que quaisquer
sinais de inteligência selavam o destino da pessoa.
Desde o ensino fundamental eu estava destinada a me
tornar professora.¹*

ENTRE GRAVETOS E LIVROS

Maria de Lourdes Vale Nascimento nasceu no dia 02 de setembro de 1924. Fez a passagem em 23 de maio de 1995, aos 71 anos de idade. As informações levantadas até aqui são suficientes para evidenciar seu protagonismo na história política do Brasil. Nascida na cidade paulistana de Franca, a filha

1 hooks, b. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

de Dulcineia Nascimento do Vale (13/04/1889 - 18/08/1971) e Laureano do Vale (05/03/1884 - 31/12/1967) construiu-se como uma intelectual autora de projetos de liberdade inovadores para a comunidade negra.

Ações diversificadas envolvendo educação, saúde, assistência social e que encontram-se registradas no seu trabalho de colunista do jornal *Quilombo*: vida, problemas e aspirações do negro, no qual assinou, entre 1948 e 1950, a coluna “Fala a Mulher” são importantes.² Elas atestam o “uso criativo”³ que fez de sua condição marginal de mulher negra, estabelecendo redes de relações e produzindo pontos de vista sobre assuntos variados de relevância para o “alevramento cultural” de mulheres negras, como dizia.

Estudante de música, aprendeu a tocar violino na juventude. Desenvolveu grande apreço por literatura variada. Formou-se no curso técnico de Contabilidade no Ateneu de Franca. Como leitora, frequentou bibliotecas. Assistiu a filmes, peças teatrais. Concedeu entrevistas para jornais como o *Diário Trabalhista*, em São Paulo e, mais tarde, *Folha do Rio*, do Distrito Federal. A ocupação de todos estes lugares, vistos como inespe-

2 NASCIMENTO, M. (ed.). *Quilombo*: vida, problemas e aspirações do negro. São Paulo: FAPESP; Editora 34, 2003.

3 COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n.1, p. 99-127, abr. 2016.

rados para mulheres de sua origem racial, possibilita desenhar Maria como uma “intelectual negra do pós-Abolição”.

O foco na história de uma mulher negra, oriunda de família da classe trabalhadora, que ascendeu por meio da educação, abre debate sobre tema central. As formas de organização de mulheres negras no pós-Abolição, ainda não pensado na historiografia a partir do pensamento de autoras negras e de suas ferramentas para valorização do trabalho intelectual destas sujeitas.

Com mãe dona de casa, quituteira, e pai militar, Maria insere-se em uma família que investiu na educação de seus filhos dentro do que considero um projeto de ascensão racializado, ou seja, localizado na experiência de ser negro e no potencial desta identidade para promover mudanças.

A conceituação de racialização em uma perspectiva de dentro (elaborada na família de Maria), permite reconhecer o papel político de uma família negra como produtora de sentidos de cidadania e brasilidade ligados a uma espécie de “racialização afirmativa”.

O depoimento da antropóloga e ativista dos movimentos negros Lelia Gonzales sobre sua formação escolar e acadêmica é importante:

Eu sou uma mulher nascida de família pobre, meu pai era operário, negro, minha mãe uma índia analfabeta.

Tiveram 18 filhos e eu sou a 17. E acontece que nessa família todos trabalhavam, ninguém passava da escola primária, mesmo porque o esquema ideológico internalizado pela família era esse: estudava-se até a escola primária e, depois, todo mundo ia à batalha em termos de trabalho para ajudar a sustentar o resto da família. Mas no meu caso o que aconteceu foi que, como uma das últimas, a penúltima da família, já tendo como companheiros de infância os meus próprios sobrinhos, quer dizer, a visão de meus pais com relação a mim já foi uma visão de neta, praticamente. Então, eu tive oportunidade de estudar (...).⁴

As experiências de letramento de mulheres como Maria e Lelia são inspiradoras para pensar o ativismo intelectual relacionado à criação de estratégias para a junção de dois mundos antagônicos nas epistemologias dominantes. O do livro e o do graveto.

Em vez de antagonismos, que tal aproximações? O que será que acontece?⁵ A narrativa autobiográfica de Conceição Evaristo fornece pistas:

Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha

4 GONZALES, L. Homenagem a Lélia Gonzales: Lélia fala de Lélia. *Estudos Feministas*, v. 2, n. 2, jul./dez. 1994, p. 383-386.

5 XAVIER, G. A 'escrivência' do pós-abolição: histórias que não se apagam. *Nexo Jornal* - Dossiê pós-abolição, 13 mai. 2018. São Paulo, 2018.

mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. Fazia-se a estrela no chão. Na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, alegoricamente ela imprimia todo o seu desespero. Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles. E no círculo-chão, minha mãe colocava o sol, para que o astro se engrandecesse no infinito e se materializasse em nossos dias. Nossos corpos tinham urgências. O frio se fazia em nossos estômagos. Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as

nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofarem acumuladas nas tinas e nas bacias. A chuva contínua retardava o trabalho e pouco dinheiro, advindo dessa tarefa, demorava mais e mais no tempo. Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?⁶

“CURIOSIDADE CIENTÍFICA”

CN: Legal. Vamos trocar essas figurinhas porque eu estou assim extremamente curioso. Não com a curiosidade científica sua, mas com a minha curiosidade de temas da minha família.

GX: Claro, da sua história. (informação verbal)⁷.

Após mais de uma década travando contato com o pensamento de Maria e imaginando como teria transcrito sua história de vida. Desconhecendo informações básicas como data de nascimento, se viva ou morta, se tinha filhos, netos, surgiu, de uma conversa despreziosa com Elisa Larkin Nascimento,

6 EVARISTO, C. Da grafia desenho de minha mãe um dos lugares do nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16.

7 Entrevista concedida por César Nascimento. São Paulo, setembro de 2018.

grande pesquisadora das relações raciais brasileiras⁸, a oportunidade de conhecer mais de perto a história da ativista.

Realizado em 2017, em uma de minhas idas no Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros⁹, nosso papo abriu novas portas. Graças à cuidadosa mediação de Elisa, a quem agradeço muito, consegui estabelecer contato com César Nascimento. Contador e analista de finanças, sua entrada mudou definitivamente não apenas os rumos, mas o lugar que esta pesquisa passou a ocupar em minha vida.



Figura 2 - César Nascimento, na cidade de Franca (2019)

Antes de meu encontro com César acontecer, continuemos no IPEAFRO. Em pé, de frente para Elisa, entre livros, maços de documentos e paredes repletas de obras do seu marido

8 NASCIMENTO, E. L. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.

9 Agradeço ao querido escritor Milsoul Santos por ter oportunizado com afincio e generosidade o acesso ao acervo do IPEAFRO, engajando-se na empreitada de vasculhar documentos que me levassem a Maria Nascimento.

e artista plástico Abdias do Nascimento, peças de um difícil quebra-cabeça começavam a se encaixar.

Por ela, ficava sabendo que Maria de Lourdes e Abdias, filhos respectivamente de Laureano Antonio do Vale e José Ferreira do Nascimento, eram primos. Se a notícia do casamento dos jovens ativistas nos anos 1940 não era nova para mim, a do vínculo familiar em primeiro grau sim. Foi neste dia que pela primeira vez encarei como uma missão inevitável tornar-me biógrafa de Maria. Mas isso é papo para outro momento. Embora ainda existam mais perguntas do que respostas acerca do tempo em que estiveram casados, é possível considerar que em 1948 já estavam casados, uma vez que a escritora, nascida Maria de Lourdes Valle, ela assinava Maria Nascimento nas colunas do *Quilombo*. Já no expediente do jornal, no qual figurava como diretora-gerente, a articulista apresentava-se como Maria de Lourdes Vale Nascimento.

A chegada de César reforçou minha “autodefinição” de biógrafa, posição com a qual ainda estou aprendendo a lidar.¹⁰ Filho de Antonio Bento Nascimento e Albertina dos Santos Nascimento, César é sobrinho de Abdias e primo de Maria, ambos os vínculos pelo lado paterno. Enquanto a escritora é prima de seu pai (o Sr. Antonio Bento), Abdias vem a ser tio de César.

10 COLLINS, 2019, p. 179-215.

NEGROS DA HISTÓRIA

Antonio Maceo, o "Titan de Bronze"

Antonio Maceo - "Titan de Bronze" e o príncipe militar e político da Revolução de 1895. Foi o líder da luta pela independência de Cuba. O historiador de sua vida, o escritor e jornalista José Martí, escreveu sobre ele que era um herói nato, um homem de ação que não sabia descansar e que não sabia morrer.

Antonio Maceo nasceu em 1845 em Cuba e cresceu no ambiente de um grande senhor da terra. Foi um homem de ação, um líder nato, um herói nato. Foi o líder da luta pela independência de Cuba. O historiador de sua vida, o escritor e jornalista José Martí, escreveu sobre ele que era um herói nato, um homem de ação que não sabia descansar e que não sabia morrer.

FALA A MULHER

CRIANÇAS RACISTAS

MARIA NASCIMENTO

DEIXA alguma conversa com minhas patricinhas de ócio. Despertar meus problemas, minhas parcas, tem a possibilidade de veredas lindas e amigas que se amam. E mesmo quando o tempo se torna por vezes tão calado, sinto dentro de mim a vontade de falar e de agir, de fazer e de ser.

Releio a minha alma que me escrevem. Bem, se importa-me com erros de gramática, que não são de Academia de Letras, e sim uma tribuna democrática, para discussão de ideias e problemas sociais.

Fraço início de conversa vou contar um fato bem ilustrativo de complexidade dos problemas que passam além os muros das montanhas, escarpadas das mais variadas direções entre pretos e brancos que se aproximam, mas se transformam em muros de desconfiança, ódio e guerra.

O caso é o seguinte: possui uma amiga de inteligência aguçada e viva, empregada doméstica. Tem uma filha que ela leva para a creche todas as manhãs e vai buscar quando termina o trabalho. É assim: Certa vez o filho da patroa, dentro de casa, acabou acompanhando-a até a creche. Quando regressava tinha alguns presentes no pacote: "Um bolo, Robertinho, pontos de casa, de desporto, e peluche" "Robertinho deu de comer, foi uma cara de desporto, e peluche" "Robertinho deu de comer, foi uma cara de desporto, e peluche" "Robertinho deu de comer, foi uma cara de desporto, e peluche"



ANO I DIREÇÃO DE ADRIAS NASCIMENTO RUA DE JANEIRO, 9 DE DEZEMBRO DE 1948 N.º 1

DEMOCRACIA RACIAL A ATITUDE BRASILEIRA

UMA das coisas em dizer-se que no Brasil tem-se definido uma democracia étnica contra a qual não prevaleceram até hoje os preconceitos raciais em seu íntimo, embora as vezes surgissem manifestações que, uma vez por outra, em brasileiros preocupados de que não se deixasse de considerar o lado aborígene da organização, arremetidos de momento contra pretos ou de outras entre-linhas de indícios contra europeus, que se fizeram sentir, países de formação étnica e social semelhante à nossa.

CONTACTOS RACIAIS NO BRASIL

EM homenagem ao Dr. George P. Sneydler, que cedeu ao CONTRA no Rio fazendo uma série de reportagens para o "Pittsburgh Courier" - um dos mais importantes órgãos do "The Negro Experiment" do Negro, realizou a 15 de julho deste ano uma sessão no salão do Ministério da Educação, Convênio para fazer o sociólogo professor Roberto Ramos que labora em estudos de contactos raciais em nosso país, e que através de interessantes pênulas dividiu.

Figura 3 - "Crianças racistas": Coluna "Fala a Mulher", de Maria Nascimento (1948)

Além das estreitas relações entre as famílias Vale¹¹ e Nascimento, César me contaria, com muita emoção e generosidade, histórias familiares de cinco gerações. Entre elas, a de Da^a Francelina do Vale, a bisavó paterna que como mulher escravizada aprendeu as primeiras letras e plantou na família o apreço à escrita e o gosto pela educação.

Fatos memoráveis como este sagraram o início de uma linda amizade, que evidencia os limites da lógica “sujeito” e “informante”:

GX: César, a gente já teve um encontro anterior que para mim foi muito impactante. Eu tinha te contado que já tem uns 13 anos que tenho percorrido, tentando encontrar informações da Maria Nascimento. E eu queria te ouvir um pouco, pois uma coisa que mexe muito comigo é como uma mulher tão incrível, talentosa, com um trabalho tão importante no Brasil, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro ... E esse silêncio, essa invisibilidade... Eu sempre coloco o nome da Maria Nascimento no Google. E é muito doido porque da outra vez eu não te falei isso. Mas como tenho escrito muito sobre ela, a maioria das coisas que aparecem dela meu nome aparece junto. Então isso me colocou várias questões do poder que essa nova geração que chega à academia tem de visibilizar figuras tão importantes do passado. Se eu fosse fazer uma

11 Nos documentos da família o sobrenome aparece grafado Vale. Já nas raras menções a Maria em documentos da época - jornais, a grafia é Vale. Baseio-me na grafia familiar Vale.

entrevista em ordem, acho que essa seria a última pergunta. Mas como a gente já tem uma amizade, acho legal começarmos por aqui. Como você vê essa invisibilidade?

CN: A minha visão não é de historiador, sociólogo, nada disso. A minha formação é uma formação muito técnica na área de Economia e Finanças, mas eu vejo isso em primeiro lugar em função da invisibilidade do negro de uma maneira geral. Acho que já começa por aí. Segundo essa, vamos chamar de “anulação” da mulher como sujeito na história, particularmente a história do Brasil dessa época em que a Maria viveu onde o orgulho todo da mulher era dizer a profissão dela do lar. Então, qualquer coisa que fugisse a esse estereótipo era muito difícil. E a Maria tem uma trajetória bem diferente que você com certeza já abordou, mas eu atribuo a Maria, a essa produção algumas coisas que descobri depois, inclusive, da nossa última conversa. Eu sabia da atuação da Maria no Teatro Experimental do Negro junto com Abdias, mas para mim se encerrava ali e eu não sabia nem muito bem qual era essa atuação. Depois a minha curiosidade despertou e fui conversando com pessoas de família e comecei a entender que a atuação dela foi principalmente no processo de alfabetização. Lembrei até de conversas que eu tive com Abdias sobre o tema da importância dela nisso. Maria foi quem indagou: como o pessoal iria fazer teatro sem conseguir ler um texto? Portanto, para ler um texto você precisa ser alfabetizado. E vai

por aí a fora... E aí a coisa toma um outro rumo bem mais intenso, bem mais significativo. Mais forte nesse processo de alfabetização numa época em que o Brasil tinha um índice de analfabetismo muito ruim. A questão não era só com os negros, era o Brasil como um todo e obviamente os negros com uma intensidade maior. Então, o trabalho dela foi significativo e não há dúvidas quanto a isso. (informação verbal).¹²

UMA NOVA MARIA: SURPRESAS, VERSÕES E CAMINHOS

*O doloroso processo de reunir ideias e realizações de mulheres negras que, como Maria Stewart, foram “descartadas” levou a uma importante descoberta. Intelectuais Negras firmaram bases analíticas cruciais para uma visão diferente do eu, da comunidade e da sociedade; dessa forma, criaram uma multifacetada tradição intelectual de mulheres afro-americanas.*¹³

Informações sobre as ligações familiares e conjugais de Maria e Abdias somadas às entrevistas com César geraram a necessidade de confeccionar um novo retalho, diferente da desbotada versão da misteriosa colunista que deixou poucas pistas. Afetada pelas cores vibrantes desta ideia em produção, desenhei para mim mesma uma nova pergunta: por que durante tantos

12 Entrevista concedida por Cesar Nascimento. São Paulo, 03 de setembro de 2019.

13 COLLINS, 2019, p. 32.

anos convivi de forma pacífica com uma narrativa de silêncio, invisibilidade e solidão de uma mulher negra misteriosa?

Com o inconsciente reverberando, comecei o trabalho mental de produzir uma nova versão “bruta” para a história de Maria. Passei a buscar caminhos que tornassem possível tratar a biografada como uma protagonista da história do Brasil, com ideias próprias e inovadoras. Sua trajetória tornou-se, mais do que caminho a ser reconstituído de forma técnica, um eixo de reflexão sobre assuntos variados. Educação, família, trabalho, movimentos sociais, gênero, raça, classe. Passei a enxergar a oportunidade como um precioso presente: pesquisar a história do Brasil República através dos pontos de vista de uma mulher negra do pós-Abolição. Agraciada, testo neste livro cores e combinações até que meu trabalho de costurar sua história de vida se encerre. Voltemos às histórias imaginadas do casal.

Abdias e Maria, dado o parentesco, possivelmente conheciam-se há bastante tempo ou sabiam mutuamente da existência um do outro. Assim como a escritora, o ativista também obteve seu diploma do curso técnico de Contabilidade no Ateneu Francano. Isso sugere que podem ter estudado juntos e a partir daí estreitado a convivência. Nos anos 1940, quando já formavam um jovem casal, mudaram-se para o Rio de Janeiro, passando a compartilhar um mesmo objetivo: militar em prol

do combate dos “problemas” e da realização das “aspirações” do “negro”.¹⁴

É importante narrar Maria como uma sujeita política com objetivos próprios. Dada a força do “falocentrismo”¹⁵ a chance de reduzi-la a acompanhante do cônjuge é grande. Considerando se tratar de uma mulher negra, existe também o perigo de naturalizar a “antropologia da dominação”.¹⁶ Nela, os saberes e subjetividades são apagados e substituídos por visões ligadas à subordinação política e o descarte de ideias femininas, inclusive dentro das comunidades negras.¹⁷

O fato de muito provavelmente ter sido a primeira colunista negra da cidade do Rio de Janeiro e uma das primeiras do Brasil e de ter um projeto de ativismo ligado à escrita é relevante para compreendermos características específicas do trabalho de intelectuais negras. Mulheres que como Maria adotaram “uma espécie de política identitária, uma visão de mundo que

14 O subtítulo do jornal *Quilombo* era “vida, problemas e aspirações do negro”.

15 Atualmente no Brasil, esta naturalização é bastante questionada por intelectuais negras que ocupam espaços de poder nas mídias, redes sociais, cargos eletivos. É refutada também pela história da “gente comum”, onde prepondera o número de lares chefiados e a quantidade de impostos pagos por estas mulheres. Ao mesmo tempo que as evidências do tempo presente nos ensinam sobre o passado, o modelo “falocêntrico” permanece hegemônico na produção historiográfica. Sobre o conceito de “falocentrismo” V. KELLEY, R. Nap time: historicizing the afro. *Fashion Theory: The Journal of Dress, Body & Culture*, v. 1, n. 4, p. 339-351, 1997.

16 CURIEL, O. El régimen heterosexual y la nación: aportes del lesbianismo feminista a la Antropología. In: BIDA-SECA, K.; LABA, V. V. (orgs.). *Feminismos y poscolonialidad*: descolonizando el feminismo desde y en la América Latina. Buenos Aires: Godot, 2011, p. 49-94.

17 Exemplo clássico desta visão encontra-se no consagrado *O atlântico negro*, no qual Paul Gilroy dedica-se a reconstituir a história intelectual afro-americana através da trajetória de Edward Blyden, Martin Delany, William Du Bois desconsiderando o papel político das mulheres negras. V. GILROY, P. *O atlântico negro*: modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: Editora 34, UCAM, 2002.

enxerga as experiências de vida das pessoas negras como um elemento fundamental para o desenvolvimento de uma consciência crítica e de estratégias políticas”.¹⁸

GX: Queria ouvir um pouco para te colocar em contato com a sua memória. Lembro que da última vez que a gente conversou você falou muito da importância da Maria na sua vida, na convivência. Você trouxe memórias de momentos, de encontros tidos e que te marcaram. Então, em uma coisa bem aberta, a gente não está aqui para seguir um script: quando você pensa na Maria o que vem?

CN: A minha memória com a Maria é uma memória mais afetiva, aquela relação de tia-sobrinho. Pois bem, então a relação que eu tive com a Maria foi essa relação familiar, “aonde” de certa maneira ela me era uma incógnita. Eu não sabia muito bem a formação, a profissão, nada. Sabia muito pouco (...) Eu sabia por ouvir nos corredores, digamos assim, que ela escrevia, mas eu não tinha a mínima ideia de qual que era a profissão dela. Se era advogada, se ela era contadora como tinha um cunhado dela que era. Eu não tinha ideia. Mas sempre foi uma pessoa muito doce, muito cordial e era isso o que eu tinha. Essa memória afetiva de algumas festas que ela participava. De uma vez que fomos, a uma festa que ela promoveu numa chácara que era denominada “sítio” que ela havia comprado e tinha lá aspas “uma promessa” de festa junina e nós fomos passar (não sei

18 COLLINS, 2019, p. 333.

precisar quantos dias) um final de semana prolongado com ela lá nessa chácara. Foi uma grande quantidade de tios e primos. (informação verbal).¹⁹

19 Entrevista concedida por César Nascimento. São Paulo, 03 de setembro de 2019.

O ATIVISMO INTELECTUAL DE MARIA DE LOURDES VALE NASCIMENTO

PARÊNTESES: MARIA E O CENSO DEMOGRÁFICO DE 1955

*No ano de 1925, as escolas admitiam alunas negras.
Mas quando as alunas negras voltavam das escolas,
estavam chorando. Dizendo que não queriam voltar à
escola porque os brancos falavam que os negros
eram fedidos.¹*

Para uma visão mais apurada do contexto em que Maria e sua história localizam-se e também para compreendermos a relevância de sua posição como uma intelectual negra do pós-Abolição, trago informações relacionadas à educação da população brasileira. Elas foram coletadas através de pesquisas iniciais realizadas no censo demográfico referente à década de 1940.

O trabalho com os dados censitários tem me possibilitado organizar futuros eixos de reflexão. Guiados pela escritora,

1 JESUS, C. M. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI-SP, 2014, p. 42.

eles abarcam temas variados. O processo de naturalização do acesso à educação formal como monopólio das elites, o preterimento da população negra como uma política do pós-Abolição. As intersecções entre gênero, raça e classe levando em conta o tempo de Maria e também as dimensões passado-presente da história.

Considerando as observações acima, destaco que as análises mais minuciosas dos dados serão feitas em etapas futuras da pesquisa. Por ora, interessa-me apresentá-los para que leitores aumentem sua compreensão sobre as barreiras raciais e de gênero construídas nas primeiras décadas republicanas através dos números.

Ao levar em conta a ainda limitada quantidade de dados e documentos da biografada, elegi variáveis para atribuição deste recorte temporal. Cruzei seu ano de nascimento (1925) com dois aspectos especulativos. A conclusão dos níveis elementar no final dos anos 1930 e médio no início de 1940, conforme sugere a entrevista com César Nascimento. A mudança para o Rio de Janeiro, suponho em 1944. Ano de fundação do Teatro Experimental do Negro e tempo em que acredito já houvesse obtido seu diploma de contadora.

Resultados do recenseamento de 1950 (publicados em 1955) são importantes para produzirmos subsídios que tornem possível enxergar mais de perto o lugar ocupado por Maria.

Em 1945, aos 19 anos e com seu trabalho intelectual no TEN já em curso no Rio de Janeiro, a população presente no estado era de 2.297.194 habitantes. Para iniciar o trabalho de localização de Maria no contexto histórico do pós-Abolição, utilizei duas tabelas do referido recenseamento: “Pessoas presentes de 5 anos e mais por sexo e grupo de idades segundo a instrução e a cor” e “Pessoas presentes de 10 anos e mais que possuem curso completo por sexo e grau de ensino segundo as principais características individuais”.²

A primeira tabela oferece dados relacionados à alfabetização por gênero, raça e idade entre 20 e 24 anos (faixa etária de Maria), e encontramos informações mais detalhadas. **Mulheres que sabem ler:** 47.160 brancas (70,86%), 6.801 pretas (33,89%), 62 amarelas (80,52%), 12.258 pardas (50,50%). Entre as **mulheres que não sabem ler:** 19.269 brancas (28,95%), 13.211 pretas (65,84%), 15 amarelas (19,48%), 11.938 pardas (49,18%). Em relação ao masculino, temos o seguinte quadro: **Homens que sabem ler:** 47.118 brancos (76,1%), 8.331 pretos (44,1%), 94 amarelos (97,9%), 13.756 pardos (60,4%). Homens que não sabem ler: 14.729 brancos (23,8%), 10.506 pretos (55,66%), 2 amarelos (2,1%), 8.986 pardos (39,4%).

2 IBGE. *Censo demográfico*: 1950. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, População e Habitação, 1955, p. 20 e 24, tabelas 17 e 20, respectivamente. (Série Regional, v. XXIII, tomo 1): “Pessoas presentes de 5 anos e mais por sexo e grupo de idades segundo a instrução e a cor” e “Pessoas presentes de 10 anos e mais que possuem curso completo por sexo e grau de ensino segundo as principais características individuais”.

Já a segunda tabela examinada apresenta informações que tornam possível acompanhar o nível de instrução alcançado. Isso é feito levando em conta as variáveis de gênero, raça e idade (de novo 20 a 24 anos). Do total de mulheres com diplomas, os resultados para cada nível de ensino são os seguintes: **Mulheres que concluíram o nível elementar:** 104.295 brancas (80,92%), 5.660 pretas (97,54%), 151 amarelas (79,47%), 14.321 pardas (94,12%). **Mulheres que concluíram o nível médio:** 24.013 brancas (18,63%), 143 pretas (2,46%), 39 amarelas (20,53%), 883 pardas (5,8%). **Mulheres que concluíram o nível superior:** 576 brancas (0,45%), 0 pretas (0%), 0 amarelas (0%), 11 pardas (0,07%). Já para o segmento masculino, a distribuição é a seguinte: **Homens que concluíram o nível elementar:** 107.213 brancos (77,87%), 7.385 pretos (96,88%), 221 amarelos (76,21%), 18.071 pardos (93,23%). **Homens que concluíram o nível médio:** 24.061 brancos (17,47%), 214 pretos (2,81%), 57 amarelos (19,66%), 1170 pardos (6,04%). **Homens que concluíram o nível superior:** 6.415 brancos (4,66%), 24 pretos (0,31%), 12 amarelos (4,14%), 142 pardos (0,73%).

Os gráficos³ a seguir oferecem uma visão mais didática do que estes números representam em termos das desigualdades de

3 Agradeço a Thiago Lemos de Carvalho pelo trabalho de gentil e cuidadoso de confecção destes gráficos.

raça e gênero que constituem a sociedade brasileira e que afetam de forma significativa mulheres negras. Maria é parte desta história.



Gráfico elaborado com base na tabela 17. "Pessoas presentes de 5 anos e mais por sexo e grupo de idade segundo a instrução e a cor" do Censo Demográfico do Estado da Guanabara. IBGE, 1955, p. 20.

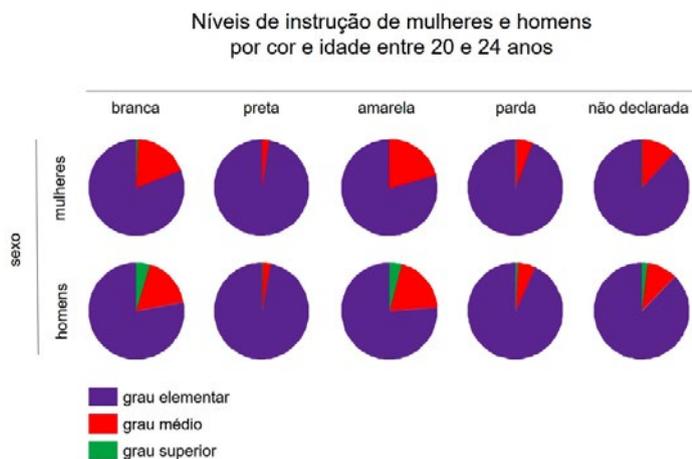


Gráfico elaborado com base na tabela 20. "Pessoas presentes de 10 anos e mais que possuem curso completo por sexo e graus de ensino segundo as principais características individuais" do Censo Demográfico do Estado da Guanabara. IBGE, 1955, p. 20.

As discussões de Patricia Hill Collins sobre a “dialética da opressão e do ativismo” nos EUA inspiram-nos a refletir sobre Maria e seu ativismo pela integração das mulheres de cor no Brasil dos anos 1940:

Essa dialética da opressão e do ativismo, ou seja, a tensão entre a supressão das ideias das afro-americanas e nosso ativismo intelectual contra essa supressão constitui a política do pensamento feminista negro nos Estados Unidos. Compreender essa relação dialética é crucial para identificarmos como o pensamento feminista negro nos Estados Unidos - seus temas centrais, sua importância epistemológica e suas conexões com a prática feminista negra nacional e transnacional - está fundamentalmente inscrito em um contexto político que desafia o próprio direito de existência dessas ideias.⁴

Conceituar e compreender a ativista como uma “intelectual negra do pós-abolição” observando como esta dialética se produz na experiência brasileira é um caminho em andamento.

MARIA VISIONÁRIA: A CRIAÇÃO DE UMA AGENDA FEMININA NEGRA

Um objetivo fundamental do feminismo visionário era criar estratégias para mudar o destino de todas as

4 COLLINS, 2019, p. 33.

mulheres e aumentar o poder individual. Para que isso fosse feito, no entanto, o movimento precisava ir muito além da pauta de direitos iguais e começar com questões básicas como campanhas pela alfabetização que atingiriam todas as mulheres, mas principalmente mulheres de grupos mais pobres.⁵

Era dia 18 de maio. O ano 1950. No centro do Rio de Janeiro, um grupo de pessoas destacava-se pela elegância de vestidos e ternos. Juntos mulheres, crianças e homens cruzavam a Avenida Rio Branco, com pressa. Em instantes aconteceria na rua São José, nº 110, a cerimônia mais esperada do ano. A instalação do Conselho Nacional de Mulheres Negras. Projetado por Maria Nascimento como Departamento Feminino do Teatro Experimental do Negro, o órgão objetivava promover “a integração da mulher de cor na vida social”. Preocupada, como de costume, em ser objetiva, didática e acolhedora, a idealizadora explicava gentilmente para imprensa:

O movimento, disse-nos D^a Maria não se restringe a um movimento feminista de caráter formal. Tem um objetivo mais sério, pois luta por um princípio humano, de integração na vida social da mulher negra. Por seu alevantamento cultural, por seu apri-

5 hooks, b. *O feminismo é para todo mundo*: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018, p. 159.

moramento eugênico⁶, enfim, pela conquista da sua dignidade enquanto mulher.⁷

Tanto a instalação do Conselho, quanto a explicação de D^a Maria ao jornalista vão de encontro a um longo processo de apagamento das ideias políticas de mulheres negras. Tal processo, presente no Brasil e no mundo, baseia-se em invisibilizar conflitos, opressões e desigualdades, impondo uma falsa ideia de harmonia. Essa perspectiva da “falta de dissenso”⁸ faz com que tratemos cenas como a descrita acima como improváveis e surpreendentes. Costumamos ficar em choque com o fato de uma mulher negra expressar individualmente análises, ideias políticas e soluções inovadoras. E devemos nos perguntar o porquê desse estarcimento. Por que em 2019 ainda é tão chocante ver mulheres negras expressando suas ideias? Por que suas vidas e projetos de mudança vivem sob risco permanente, sujeitos a tiros na cabeça?

Tal qual Marielle Franco, o trabalho intelectual de Maria, reconhecida pela imprensa da época como “incansável lutadora” evidencia os dissensos presentes na sociedade brasi-

6 Para além de juízos de valores, o “aprimoramento eugênico”, presente em sua narrativa, indica a importância de estudos pormenorizados sobre impactos e apropriações de teorias raciais por ativistas negros. Esta é uma das próximas etapas da pesquisa.

7 NASCIMENTO, M. Instala-se hoje o Conselho Nacional de Mulheres Negras. *Folha do Rio*, Rio de Janeiro, 18 mai. 1950, p. 1.

8 COLLINS, 2019, p. 32.

Para além de análises minuciosas da documentação, que serão feitas oportunamente, o objetivo desta seção é evidenciar Maria de Lourdes Vale Nascimento como autora de uma agenda feminista negra. Agenda essa que desenvolveu de forma visionária com o propósito de “lutar pela integração da mulher negra na vida social, pelo seu alevantamento educacional, cultural e econômico”. Em acordo com bell hooks:

O feminismo visionário radical incentiva todas nós a ter coragem de avaliar a vida do ponto de vista de gênero, raça e classe, para que possamos compreender precisamente nossa relação dentro do patriarcado capitalista de supremacia branca imperialista. Durante anos, várias mulheres feministas se apegaram ao equivocado pressuposto de que o gênero era o único fator determinante de status. Superar essa negação foi uma virada crucial para as políticas feministas. Permitiu às mulheres encarar a forma como o preconceito de classe e raça levou à formação de um movimento de mulheres que não era fundamentado na massa.¹¹

Como educadora, colunista e uma das diretoras do Teatro Experimental do Negro, a ativista idealizou projetos inovadores, baseados no compromisso em ações coletivas que visavam melhorar as condições de vida da população de cor. Tais projetos ligam-se ao que Pratibha Parmar define como “políticas de identidade”.

11 hooks, b, 2018, p. 165.

Destacam-se entre tais políticas, o já citado Conselho Nacional de Mulheres Negras. Nele Maria e suas companheiras, a quem carinhosamente chamava “patricias de cor”, destoando da “imagem controlada” de objeto, refletiam sobre si próprias. Acerca dos papéis políticos e dos problemas que afetavam seu grupo:

A mulher negra sofre várias desvantagens sociais. Por causa do seu despreparo cultural, por causa da pobreza da nossa gente de cor, pela ausência de adequada educação profissional. Não vamos desconsiderar ainda como fator de inferioridade social desfrutada pela mulher negra, o preconceito de cor existente entre nós e cuja análise não interessa diretamente a estas palavras que estou dirigindo a todas vocês que aqui acorreram para o ato de instalação do departamento feminino do Teatro Experimental do Negro.¹²

Embora a supressão de ideias políticas de mulheres negras seja recorrente, Maria e seu trabalho à frente do Conselho mostram como tais sujeitas foram afetadas pelas intersecções de gênero, raça e classe e buscaram soluções para eliminá-las por meio de ferramentas disponíveis dentro da própria comunidade.

12 Fala de Maria Nascimento na matéria “Instalado o ‘Conselho Nacional das Mulheres Negras’”. V. INSTALADO o Conselho Nacional das Mulheres Negras. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Rio de Janeiro, n. 9, p. 4, mai. 1950 [EFS, p. 98].

Os pontos de vista sobre problemas estruturais como “pobreza”, “ausência de educação profissional” e “preconceito de cor” mostra como ela criou e difundiu concepções de ativismo intelectual no pós-Abolição. Período no qual mulheres negras enfrentavam condições profissionais extremamente precárias, conforme vemos na reportagem com alarmante título “Precisam-se de escravas”:

Outro lado da questão é que ninguém parece reconhecer o direito de felicidade das empregadas domésticas. Não podem crer que uma empregada pense um dia, em casar-se, ter filhos, sua própria família, encontrar enfim, a felicidade num lar próprio. Por isso os salários são os mais ridículos que se possa imaginar. Vão de 150 a 800 cruzeiros, este último só em casos muito excepcionais. E quanto a horários de trabalho, isto nem é bom falar. A criada tem que ser a primeira a se levantar e só conseguem folga quando os patrões já se saciaram dos seus serviços, bem alimentados, sossegados.¹³

13 NASCIMENTO, M. Precisam-se de escravas. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Rio de Janeiro, n. 6, p. 9, fev. 1950. [EFS, p. 79].

As iniciativas acima somadas ao seu trabalho como colunista, responsável por pautar questões variadas no *Quilombo*: taxa de mortalidade entre crianças negras devido à ausência de serviços públicos de pré e pós-natal; o espírito de “amizade” e “fraternidade” entre os “favelados”; a luta incessante pela regulamentação do trabalho doméstico, evidenciam características específicas de Maria. Sensibilidade, capacidade de diálogo, liderança e poder de inovação. Traços que nos permitem enxergar a “singularidade individual”¹⁴ de uma intelectual negra comprometida com o “movimento de elevação cultural e econômica do povo de cor”.



Figura 8 - “Infância agonizante”: Coluna “Fala a Mulher”, de Maria Nascimento (maio de 1949). Fonte: Quilombo (mai. 1949, p. 8)

Até aqui a pesquisa biográfica sobre Maria propiciou-me experiência, ainda hoje raríssima: conhecer mais sobre a vida de uma mulher negra dedicada a lutar por uma feminilidade respeitável¹⁵ e compreender o Brasil Republicano através do seu ponto de vista. Nascida quatro décadas depois da assinatura da Lei Áurea¹⁶, seu pensar foi marcado por um sentimento de pertença à comunidade negra através do qual produziu importante legado relacionado a “pensar projetos” e “novos marcos civilizatórios” para a construção de um “novo modelo de sociedade”.¹⁷ Autora de um ativismo intelectual caracterizado pela criação permanente de ideias ligadas à valorização do “princípio humano”, suas reflexões contêm a gênese das pautas dos feminismos negros contemporâneos.

Maria de Lourdes Vale Nascimento, uma feminista negra visionária.

15 XAVIER, G. Esculpindo a “nova mulher negra”: feminilidade e respeitabilidade nos escritos de algumas representantes da raça nos EUA (1895-1904). *Cad. Pagu [online]*, 2013, n. 40, p. 255-287.

16 Importante narrativa autobiográfica de uma intelectual negra do pós-abolição: JESUS, 2014.

17 RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2017, p. 14.



Figura 9 - "O Congresso Nacional de Mulheres Negras": Coluna "Fala a Mulher", de Maria Nascimento (julho de 1949)

A SINGULARIDADE DE MARIA: EPISTEMOLOGIA FEMINISTA NEGRA E A ESCRITA DE NOVAS HISTÓRIAS

Excepcionalismo racial é a prática de definir pessoas negras a partir de concepções e estereótipos que comumente não são atribuídos ou associados a elas.¹

Maria de Lourdes Vale Nascimento foi uma mulher negra letrada com trajetória educacional e carreira transcorridas entre os anos 1930 e 1950. Seu percurso até se tornar colunista do jornal *Quilombo* permite acessar sentidos sobre ser uma intelectual negra a partir de novas chaves investigativas. As dos trajetos femininos individuais no período pós-Abolição.

É bem verdade que os dados censitários indicam a raridade da posição ocupada dentro de seus grupos racial e de gênero. Assim, tenho me feito a seguinte pergunta? É possível

1 PERRY, I. Exceptionally yours: racial escape hatches in the contemporary United States. In: PERRY, I. *More beautiful and more terrible*. Nova Iorque: NYU Press, 2011, p. 128, tradução nossa. Exemplos de "excepcionalismo racial" a partir da conceituação de Imani Perry: negra bonita, brilhante, inteligente, organizada.

interpretar a condição intelectual de Maria - conquistada através da combinação entre expressão individual, investimento familiar e constituição de redes, através de uma perspectiva distinta da consagrada ideia de “exceção”?

Historicamente, o excepcionalismo negro tornou-se uma espécie de ferramenta para explicar a “história única” de instrução, ascensão e mobilidade alcançada por um grupo restrito de indivíduos negros no mundo livre. Esta pesquisa, como mostrado, insere-se em projeto mais amplo, dedicado a investigar os diferentes tipos de letramento de mulheres negras das classes trabalhadoras.²

Por meio dela, começo a analisar o trajeto de Maria, considerando a sua história menos como excepcional do que singular. Suas formas de se expressar individualmente revelam anseios, expectativas e investimentos seus e também da comunidade negra em torno da educação. Nessa linha, definir Maria como uma intelectual negra do pós-Abolição é novidade. Inovação científica que evidencia dissensos, uma vez que a historiografia brasileira costuma desconsiderar as formas de produção e sistematização de conhecimentos conduzidas por mulheres negras.

2 XAVIER, G. *Intelectuais negras: escritas de si e processos de letramento*. Projeto de pesquisa individual apoiado pelo Programa de Aceleração de Lideranças Femininas Negras Marielle Franco - Fundo Baobá, 2019-2021: projeto de pesquisa individual que tem como objetivo investigar as diversas formas de letramento de mulheres negras na longa duração do pós-abolição (sécs. XIX-XXI) através do uso de diferentes fontes documentais: certidões públicas, processos criminais e de defloramento, ficção, entrevistas e diários de campo de estudantes universitárias.

Buscar estabelecer diferenciações entre “excepcional” e “singular” liga-se a desenvolver ferramentas científicas para que mulheres negras falem por si próprias. Assim, visibilizar as interpretações de Maria sobre as desigualdades raciais e de gênero no Brasil e os caminhos que abriu para combatê-las, faz parte do investimento de entender Maria como uma intelectual engajada na construção de uma “política de sobrevivência do grupo”:

A luta pela sobrevivência do grupo consiste em ações que levam as mulheres negras a criar esferas de influência no interior das estruturas sociais existentes. Essa dimensão nem sempre representa um desafio direto às estruturas opressoras, pois em muitos casos o confronto direto não é nem possível nem desejável. Em vez disso, as mulheres criam esferas de influência feminina negra para desestabilizar as estruturas opressoras. A luta pela sobrevivência do grupo exige instituições que forneçam às mulheres negras as ferramentas necessárias para lutar.³

Em vez de olhar para história de mulheres negras, exclusivamente, pelo olhar hegemônico - dor, miséria, vulnerabilidade - é importante observá-las pela potência de suas mentes, humanidades e pela fartura de ideias. Em agradecimento à vida,

3 COLLINS, 2019, p. 333.

ao trabalho e à importância de Maria de Lourdes Vale Nascimento, seguimos construindo novos paradigmas. Seguimos escrevendo como mulheres negras fizeram e fazem uso criativo de suas mentes, lutando assim pela sobrevivência de suas comunidades.

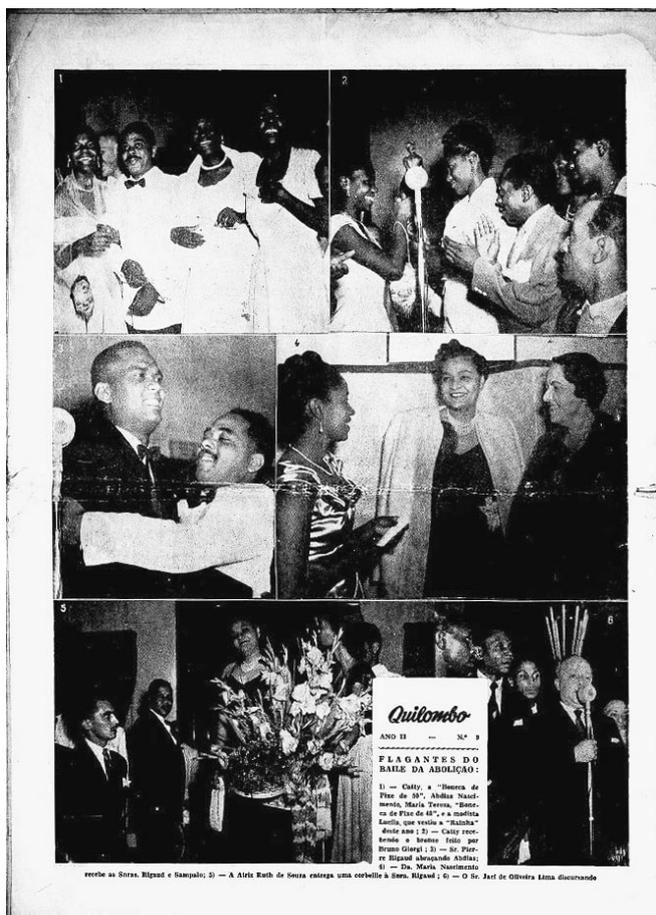


Figura 10 - Maria de Lourdes Vale Nascimento no Baile da Abolição no *Quilombo* (maio de 1950)

BIÓGRAFA E BIOGRAFADA: ESCREVENDO PASSADOS-PRESENTES

*Por que ele (o trabalho de Maria) ficou invisível?
Porque foi feito por uma mulher e para os negros
numa época muito recente após a própria abolição. Nós
estamos falando de meados do século XX e não tínhamos
chegado nem nos 100 anos da abolição da escravidão.
Então, o “caldo” social não permitia esse tipo de coisa.
(informação verbal).¹*

Foi no escritório com vista para a praça da Cinelândia, que pela primeira vez na vida ouvi falar de Maria de Lourdes Vale Nascimento. Em 2004, aos 23 anos, com o mestrado em andamento, recebi das mãos de Schuma Schumacher um texto assinado por Joselina da Silva. Nele, a brilhante socióloga apresentava aspectos gerais do pensamento da escritora.² Apresentada como uma das fundadoras do Teatro Experimen-

1 Entrevista com César Nascimento. São Paulo, setembro de 2018.

2 Este texto referia-se a um material didático escrito por Joselina da Silva para o projeto de pesquisa Mulheres Negras do Brasil, no qual eu trabalhava como uma das pesquisadoras da equipe. O referido projeto deu origem à obra homônima. V. SCHUMAHER, S.; BRASIL, É. V. *Mulheres negras do Brasil*. Rio de Janeiro: Senac, 2006.

tal do Negro, no Rio de Janeiro na década de 1940, Maria foi a primeira personagem do passado que associei imediatamente à condição de intelectual negra. Naquela época, não fazia ideia de que este conceito, que hoje já me é possível usar sem as aspas, tornar-se-ia o *top trend* de minha agenda de pesquisa.

Tivemos, ao longo do livro, oportunidades de conhecer mais a fundo alguns dos feitos de Maria. Então o objetivo desta seção é refletir sobre o impacto do nosso encontro. O encontro de uma jovem historiadora em formação com uma mulher negra, do passado. Educadora, colunista, liderança política, que por décadas se dedicou a trabalhar em prol da comunidade negra. Como gostava de dizer, pela integração de suas “patricias de cor”. Esse cruzar de trajetórias marcou minha trajetória.

Saber da sua existência deu sentido ao trabalho de pesquisar histórias de mulheres negras, nos meus tempos de uma estudante, cheia de ideias e sonhos. De lá pra cá, muitos desses sonhos foram realizados. Outros não. Surgiram os novos. E também existem aqueles que se mantêm. Tantas coisas importantes que tenho tido a chance de realizar como professora universitária, também se devem à existência e ao trabalho de Maria. Intelectual negra que me possibilitou entender, com bastantes lágrimas, a importância de “abrir novos parágrafos” na história do Brasil, nas palavras da grande Conceição Evaristo.

Maria de Lourdes Vale Nascimento aos poucos deixa de ser mistério para se tornar presença sentida. Na minha vida e agora na do público leitor deste livro. Nesse processo de curas e mudanças, recordo-me das histórias contadas por Jhumpa Lahiri. Maria é na minha vida uma grande “intérprete de males”, que me abriu as portas de um mundo desconhecido do qual passei a me enxergar parte. “Choramos juntas, pelas coisas que agora sabemos”.³

Durante sua vida, Maria transgrediu os lugares esperados para mulheres negras. Quando ela faleceu, em 1995, eu era uma adolescente de 16 anos, tentando encontrar uma pele que me fizesse sentir confortável. As conversas que biógrafa e biografada estabelecemos foram transformadoras. Duas mulheres negras. Viventes de tempos históricos distintos, conectadas pelas vidas dedicadas a criar soluções para os problemas oriundos das desigualdades e opressões que estruturam o Brasil.

Existe algo em mulheres negras ligado aos ossos ancestrais, soterrados no fundo do mar. Algo que faz com que cotidianamente nos reinventemos. Talvez por isso o presente brasileiro, embora assustador, não seja considerado algo novo para nós. De fato não é. O novo aqui é o direito de contar nossas histórias com as definições que criamos e a partir dos nossos interesses.

3 LAHIRI, J. *Intérprete de males*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2019.

Do mesmo modo que costumo me autodefinir - “muitas versões em uma só” - este entendimento sobre Maria fez-me compreender que nosso encontro não foi por acaso. E que a escrita deste livro é apenas o primeiro movimento de muitos. Eles versam sobre a força de falar por nós mesmas. Acerca da potência de criar dispositivos de validação de conhecimento científico através de nossos saberes e experiências individuais e coletivas.

Permito-me viver o “despertar espiritual” nessa jornada, iluminando identidades apagadas de uma mulher negra pensante. Com isso consigo estabelecer novos paradigmas de produção. Construir um referencial teórico-metodológico baseado em mulheres negras, maioria das referências bibliográficas. Realizar novas perguntas por meio da interlocução com essas pensadoras. Valorizar a “experiência como critério de significado”.⁴ Estabelecer uma relação de maior leveza e flexibilidade com o tempo acadêmico. Todos esses movimentos ligam-se ao compromisso com a produção de novas epistemologias, nas quais Maria e milhões de mulheres negras sejam reconhecidas como autoras de projetos políticos democráticos para o Brasil.⁵ Mas que sejam reconhecidas principalmente como pessoas.

4 COLLINS, 2019, p. 412.

5 Cf. XAVIER, G. *Conhecimento sob vigilância: a inovação científica de falar por nós mesmas*. Projeto de pesquisa individual apoiado pelo Programa de Aceleração de Lideranças Femininas Negras Marielle Franco - Fundo Baobá, 2019-2021; e XAVIER, G. *Ciência de mulheres negras: pesquisa ativista e liderança acadêmica no Brasil*. Projeto de pesquisa financiado pelo Programa de Aceleração de Lideranças Femininas Negras Marielle Franco - Fundo Baobá, 2019-2021.



Figura 11 - "Instalado o Conselho Nacional de Mulheres Negras": reportagem no *Quilombo* (maio de 1950)

Falar de uma mulher negra que, ressignificando os “eixos de opressão”⁶ dedicou-se a trabalhar individual e coletivamente em busca de afirmação, liberdade e resistência para a população negra no mundo livre é desafiador. O desafio de escrever novas histórias para o Brasil, contribuindo para nossa juventude ter a oportunidade

6 CRENSHAW, K. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p.1241-1299, jul. 1991.

de crescer e estudar, construindo referências que gerem sentimentos de orgulho e pertencimento à nossa comunidade.

Em sintonia com os debates de bell hooks sobre “espiritualidade feminista”⁷, percebo que fui guiada a questionar e buscar novos caminhos para me relacionar com o fazer historiográfico e, por consequência com Maria. Sujeita, em vez de objeto. O investimento na escrita criativa, na qual se destaca o reconhecimento do papel da espiritualidade em nosso trabalho, segue contribuindo para fortalecer novas formas de ensinar e aprender a história do Brasil republicano. Autorizar o contar-se na primeira pessoa de Maria, atribuindo-lhe um lugar de inovação e genialidade, negado às mulheres negras, é parte desta história. É missão. Obrigada Xangô!

7 hooks, b., 2018.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Carta de Giovana Xavier a Maria de Lourdes Vale Nascimento (outubro de 2017)

Figura 2 - César Nascimento, na cidade de Franca (2019)

Figura 3 - “Crianças racistas”: Coluna “Fala a Mulher”, de Maria Nascimento (1948)

Figura 4 - Expediente do jornal Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro

Figura 5 - “Instala-se hoje o Conselho Nacional de Mulheres Negras”: Entrevista de Maria de Nascimento à Folha do Rio (maio de 1950)

Figura 6 - “Precisam-se de escravas”: Reportagem do Quilombo (fevereiro de 1950)

Figura 7 - “O Conselho Nacional de Mulheres Negras”: Coluna “Fala a Mulher”, de Maria Nascimento (maio de 1950)

Figura 8 - “Infância agonizante”: Coluna “Fala a Mulher”, de Maria Nascimento (maio de 1949)

Figura 9 - “O Congresso Nacional de Mulheres Negras”: Coluna “Fala a Mulher”, de Maria Nascimento (julho de 1949)

Figura 10 - Maria de Lourdes Vale Nascimento no Baile da Abolição no Quilombo (maio de 1950)

Figura 11 - “Instalado o Conselho Nacional de Mulheres Negras”: Reportagem no Quilombo (maio de 1950)

FONTES

COLUNAS PUBLICADAS NO JORNAL

QUILOMBO: VIDA, PROBLEMAS E ASPIRAÇÕES DO NEGRO

EXPEDIENTE. *Quilombo*: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, n. 6, p. 3, fev. 1950.

INSTALADO o Conselho Nacional das Mulheres Negras. *Quilombo*: vida, problemas e aspirações do negro, Rio de Janeiro, n. 9, p. 4, mai. 1950 [EFS, p. 98].

NASCIMENTO, M. Crianças racistas. Coluna “Fala a Mulher”, *Quilombo*: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, n. 1, p. 8, dez. 1948 [EFS, p. 26].

_____. Infância agonizante. Coluna “Fala a Mulher”, *Quilombo*: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, n. 2, p. 8, mai. 1949 [EFS, p. 34].

_____. O Congresso Nacional de Mulheres e a regulamentação do trabalho doméstico. Coluna “Fala a mulher”, *Quilombo*: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, n. 4, p. 3, jul. 1949 [EFS, p. 49].

_____. Nosso dever cívico. Coluna “fala a mulher”. *Quilombo*: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, n. 6, p. 7-10 [EFS, p. 77, 80].

_____. Precisam-se de escravas. *Quilombo*: vida, problemas e aspirações do negro, Rio de Janeiro, n. 6, p. 9, fev. 1950. [EFS, p. 79].

_____. O Conselho Nacional das Mulheres Negras. Coluna “Escreve a Mulher”. *Quilombo*: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, n. 7/8, p. 4, mar./abr. 1950. [EFS, p. 86].

_____. Integração da mulher de côr na vida social. *Quilombo*: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, n. 9, p. 4, mai. 1950 [EFS, p. 98].

NÓS. *Quilombo*: vida, problemas e aspirações do negro, Rio de Janeiro, n. 1, p. 6, dez. 1948 [EFS, p. 19, 24].

NOSSO programa. *Quilombo*: vida, problemas e aspirações do negro, Rio de Janeiro, n. 1, p. 3, dez. 1948 [EFS, p. 21].

CENSOS DEMOGRÁFICOS DO BRASIL

IBGE. *Recenseamento geral do Brasil*: 1º setembro de 1940. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, População e Habitação, 1940. (Série Nacional, v. 2)

_____. *Censo demográfico*: 1950. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, População e Habitação, 1955. (Série Regional, v. XXIII, tomo 1)

ENTREVISTAS

LIMA, J. Conceição Evaristo: minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra. *Nexo Jornal*. 26 mai. 2017. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/26/Conceição-Evaristo-‘minha-escrita-é-contaminada-pela-condição-de-mulher-negra’>. Acesso em: 05 dez. 2019.

NASCIMENTO, M. Instala-se hoje o Conselho Nacional de Mulheres Negras. *Folha do Rio*, Rio de Janeiro, 18 mai. 1950, p. 1.

OLIVEIRA, F. Chefia feminina ainda predomina em lares sem cônjuges. *O Globo*, 28 jun. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/chefia-feminina-ainda-predomina-em-lares-sem-conjuge-22828940> Acesso: 12 set. 2018.

SOUZA, R. É preciso regulamentar o trabalho doméstico. *A Manhã*. Rio de Janeiro, 20 jan. 1945.

PROJETOS DE PESQUISA

XAVIER, G. *Maria de Lourdes Vale Nascimento*: uma intelectual negra do pós-abolição. Projeto de pesquisa individual apoiado pelo Projeto Personagens do Pós-abolição, financiado pelo Edital Memórias Brasileiras: Biografias, Capes, 2016-2019.

_____. *Intelectuais negras*: escritas de si e processos de letramento. Projeto de pesquisa individual apoiado pelo Programa de Aceleração de Lideranças Femininas Negras Marielle Franco - Fundo Baobá, 2019-2021.

_____. *Conhecimento sob vigilância*: a inovação científica de falar por nós mesmas. Projeto de pesquisa individual apoiado pelo Programa de Aceleração de Lideranças Femininas Negras Marielle Franco - Fundo Baobá, 2019-2021.

_____. *Ciência de mulheres negras*: pesquisa ativista e liderança acadêmica no Brasil”. Projeto de pesquisa financiado pelo Programa de Aceleração de Lideranças Femininas Negras Marielle Franco - Fundo Baobá, 2019-2021.

CRONOLOGIA DE MARIA DE LOURDES VALE NASCIMENTO

02/09/1924 - Nasce Maria de Lourdes Vale, a filha de Dulcinéia Nascimento do Vale e Laureano Antonio do Vale.

1930-1940 - Maria de Lourdes Vale vive seu processo de escolarização, dedica-se aos estudos de violino e conclui seu curso em Ciências Contábeis no Ateneu Francano.

1941-1943 - Maria de Lourdes Vale casa-se com Abdias do Nascimento. Passa a assinar Maria de Lourdes Vale Nascimento e muda-se para o Rio de Janeiro com o marido, ao lado de quem, em 1944, funda ao seu lado o Teatro Experimental do Negro.

1944-1950 - Maria de Lourdes Vale Nascimento atua no Teatro Experimental do Negro. Como educadora e liderança política, funda, no dia 18 de maio de 1950, ao lado de outras mulheres negras, o Conselho de Mulheres Negras. Departamento do TEN que tinha como propostas “a criação de uma associação profissional das empregadas domésticas, de uma academia de artes domésticas, do teatro e ballet infantis”.

1948-1950 - Maria de Lourdes Vale Nascimento publica nove textos em sua coluna “Fala a Mulher” no jornal *Quilombo: vidas, problemas e aspirações do negro*, no qual assina Maria Nascimento.

1955 - Provável separação de Maria e Abdias. A escritora retorna para São Paulo, onde compra um sítio na cidade interiorana de Franco da Rocha.

1994 - Maria de Lourdes Vale Nascimento faz a passagem sozinha em seu sítio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCOFF, L. Uma epistemologia para a próxima revolução. *Revista Sociedade e Estado*, v. 21, n. 1, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00129.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2018.

BARR, S. C. *Rotundamente negra y otros poemas*. Madrid: Ediciones Torremozas, 2013.

COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n.1, p. 99-127, abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.

_____. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

COOPER, F.; HOLT, T.; SCOTT, R. *Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CRENSHAW, K. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p.1241-1299, jul. 1991.

CUNHA, O. M. G.; GOMES, F. S. (orgs.). *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

CURIEL, O. El régimen heterosexual y la nación: aportes del lesbianismo feminista a la Antropología. In: BIDASECA, K.; LABA, V. V. (orgs.). *Feminismos y poscolonialidad: descolonizando el feminismo desde y en la América Latina*. Buenos Aires: Godot, 2011, p. 49-94.

DOMINGUES, P. *A insurgência de ébano: a história da Frente Negra Brasileira*. 2005. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____. "Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na luta antirracista". *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 345-374, jan./jun. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100015. Acesso em: 10 jan. 2020.

EVARISTO, C. Da grafia desenho de minha mãe um dos lugares do nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.

FRANCO, A. *Cartas para Marielle*. Rio de Janeiro: Conexão 7; Instituto Marielle Franco, 2019.

GILROY, P. *O atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: Editora 34, UCAM, 2002.

GOMES, A. C. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Vértice, 1989.

GONZALES, L. Homenagem a Lélia Gonzales: Lélia fala de Lélia. *Estudos Feministas*, v. 2, n. 2, jul./dez. 1994, p. 383-386. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/%25x>. Acesso em: 10 jan. 2020.

HOLT, T. *The problem of freedom: race, labor, and politics in Jamaica and Britain, 1832-1938*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1992.

hooks, b. Intelectuais negras. *Estudos Feministas/ Dossiê Mulheres Negras*, Rio de Janeiro, IFCS/ UFRJ, v. 3, n. 2, p. 464-478, jul./dez. 1995.

_____. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

_____. Mover-se além da dor. *Portal Geledés: instituto da mulher negra*. 12 mai. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mover-se-alem-da-dor-bell-hooks/>. Acesso em: 09 jan. 2020.

_____. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

JESUS, C. M. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI-SP, 2014.

KELLEY, R. Nap time: historicizing the afro". *Fashion Theory: The Journal of Dress, Body & Culture*, v.1, n. 4, p. 339-351, 1997.

KILOMBA, G. *Descolonizando o conhecimento: uma palestra performance*. Palestra proferida na Mostra Internacional de Teatro, 06 mar. 2016. São Paulo: Goethe-Institut, 2016. Disponível em: <http://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>. Acesso em: 12 set. 2018.

_____. *Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAHIRI, J. *Intérprete de males*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2019.

MATTOS, A; XAVIER, G. Activist research and the production of non-hegemonic knowledges: challenges for interseccional feminism. *Feminist Theory*, v. 17, n. 2, p. 239-245, 2016. Disponível em: <http://fty.sagepub.com/content/17/2/239.full.pdf?ijkey=rJuYlzPVek5QH09&key-type=finite>. Acesso em: 16 jul. 2016.

NASCIMENTO, E. L. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.

PARMAR, P. Feminismo negro: la política como articulación. In: JABARDO, M. (org.). *Feminismos negros: una Antología*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2012, p. 245-267. Disponível em: <https://www.traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Feminismos%20negros-TdS.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2018.

PERRY, I. Exceptionally yours: racial escape hatches in the contemporary United States. In: _____. *More beautiful and more terrible*. Nova Iorque: NYU Press, 2011, p. 127-161.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2017.

RIO, A. M.; MATTOS, H. O pós-abolição como problema histórico: balanço e perspectivas. *Revista Topoi*, v. 5, n. 8, p. 170-198, jan./jun. 2004.

SCHUMAHER, S.; BRASIL, É. V. *Mulheres negras do Brasil*. Rio de Janeiro: Senac, 2006.

TRINDADE, A. L. Fragmentos de um discurso sobre afetividade. In: BRANDÃO, A. P. (org.). *Saberes e fazeres: modos de ver*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006, p. 101-111. Disponível em: http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Caderno1_ModosDeVer.pdf. Acesso em: 09 mar. 2015.

XAVIER, G. Conversando com minhas patricias de cor: o pensamento feminino negro de Maria Nascimento no jornal O Quilombo (RJ, 1948-1950). *Ciências & Letras (FAPA. Impresso)*, p. 319-332, 2008.

_____. Esculpindo a “nova mulher negra”: feminilidade e respeitabilidade nos escritos de algumas representantes da raça nos EUA(1895-

1904). *Cad. Pagu [online]*, 2013, n. 40, p. 255-287. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332013000100008-&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 18 jul. 2016.

_____. A hora da estrela: Maria de Lourdes Vale Nascimento e as ‘amigas leitoras’ do jornal *O Quilombo* (Rio de Janeiro, 1948-1950). In: MAGALHÃES, A. F. P.; CHALHOUB, S. (eds.). *Pensadores negros – pensadoras negras: Brasil, séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: MC &G Editorial; Belo Horizonte: Fino Traço; Brasília: MEC, 2015.

_____. Branquidade: que horas ela chega?. *Preta 'dotora' na primeira pessoa*. 16 out. 2015. Disponível em: <http://pretadotora.blogspot.com.br/2015/10/1er-tantos-pontos-de-vista-diversos-e.html>. Acesso em: 18 jul. 2016.

_____. Fala a mulher ou a mulher também fala: Maria de Lourdes Vale Nascimento e as articulações entre gênero, raça e classe no jornal *O Quilombo* (Rio de Janeiro, 1948-1950)”. In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 7., Curitiba. *Anais...* Curitiba, mai. 2015. Disponível: <http://www.escravidaoe-liberdade.com.br/congresso/index.php/E-X/7/paper/viewFile/211/90>. Acesso em: 09 jan. 2020.

_____. De Maria de Lourdes Vale do Nascimento para as ‘mulheres negras do Brasil’. In: OLIVEIRA, I.; PEÇANHA, M. M. J. *Educação e relações raciais*. Niterói: CEAD/UFF, 2016, p. 119-129.

_____. Feminismo: direitos autorais de uma prática linda e preta. *Folha de São Paulo*. 19 jul. 2017. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://agoraequesaoclas.blogfolha.uol.com.br/2017/07/19/feminismo-uma-pratica-linda-e-preta/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

_____. A ‘escrivência’ do pós-abolição: histórias que não se apagam. *Nexo Jornal* - Dossiê pós-abolição, 13 mai. 2018. São Paulo, 2018.

Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/especial/2018/05/11/130-anos-pós-abolição>. Acesso em: 09 jan. 2019.

_____. Maria de Lourdes Vale Nascimento: uma intelectual negra do pós-abolição. *Biblioteca Consuelo Pondé*. Salvador: Arquivo Estadual da Bahia, 2018. Disponível em: <http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=196>. Acesso em: 09 jan. 2020.

_____. *Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

Formato: 16 x 23cm
Tipología: Adobe Caslon Pro 11/18
Número de páginas: 90

